

Rondônia no cinema brasileiro da década de oitenta¹

Juliano José de Araújo²
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

RESUMO

Este artigo investiga, em uma perspectiva comparada de análise fílmica, os filmes *Fronteira das almas*, *Mamazônia*, *a última floresta* e *Rondônia, viagem à terra prometida*, filmados em Rondônia na década de oitenta. Trata-se de um período que marcou o estado com profundas transformações sociais devido aos projetos de colonização da ditadura militar e que geraram muitos conflitos ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; colonização; conflitos; ditadura; Rondônia.

Este artigo investiga, em uma perspectiva comparada de análise fílmica (AUMONT; MARIE, 2009; SOUTO, 2020), os filmes *Fronteira das almas* (Hermano Penna, 1987), *Mamazônia*, *a última floresta* (Brasília Mascarenhas e Celso Luccas, 1996), e *Rondônia, viagem à terra prometida* (Sílvio Tendler, 1986), todos filmados em Rondônia na década de oitenta³. Trata-se de um período que marcou o estado com profundas transformações sociais devido aos projetos de colonização executados pela ditadura militar, tendo em vista que a ocupação da região amazônica, incluindo Rondônia, tornou-se prioridade máxima para os militares.

A Amazônia passou a ser considerada uma espécie de solução para os problemas de tensão social no Nordeste e para a continuidade do crescimento do Sudeste. No caso específico de Rondônia, destacam-se os projetos de colonização, lançados a partir de 1970. Com os slogans “Integrar para não entregar” e “Terras sem homens para homens sem terras”, a proposta do Estado era ocupar um espaço considerado como um suposto “vazio demográfico”, ignorando totalmente as populações tradicionais.

Como resultado, a região tornou-se cenário de inúmeros conflitos ambientais envolvendo, de um lado, os povos indígenas, os seringueiros e os ribeirinhos, que ali já habitavam e, de outro, uma multidão de migrantes do Nordeste e Sul do Brasil, em conjunto com grandes empreendimentos capitalistas. Para se ter uma ideia do cenário, nos anos 1960, Rondônia tinha uma população de 60 mil pessoas, número que saltou para

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Audiovisual, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Rondônia, e-mail: julianoaraujo@unir.br

³ Este trabalho insere-se no âmbito do projeto de pesquisa “Imagens de Rondônia no século XX: mapeamento, história e análise”, fomentado pela Chamada CNPq/MCTI nº 10/2023 – Universal.

mais de 500 mil moradores na década de 1980 (BECKER, 2015; PERDIGÃO; BASSEGIO, 1992).

Discutem-se neste trabalho as condições de produção desses filmes, como a temática foi abordada em cada um, além das opções estéticas dos diretores. O primeiro deles, *Fronteira das almas*, é uma ficção e narra, por meio de uma montagem paralela, a história de dois irmãos. Cassiano, interpretado pelo ator Antonio Leite, que ganha um pequeno pedaço de terra no interior de Rondônia em uma área de floresta virgem no contexto dos projetos de colonização e que não ofereciam nenhuma estrutura para os migrantes que chegavam diariamente ao estado. Enquanto isso, seu irmão Tião, interpretado pelo ator Fernando Bezerra, vive no Sul do Pará em uma comunidade de posseiros que ocupam terras devolutas e sofrem ataques constantes de grileiros.

Tendo Cassiano, Tião, suas mulheres e filhos, dispersos pelo Norte do país, o filme retrata a luta pela terra e os conflitos no campo, mostrando o drama social desses personagens. Hermano Penna explica que quis fazer um filme a partir do que tinha presenciado em suas andanças pela Amazônia. Ele divide o argumento e o roteiro da obra com Murilo Carvalho, jornalista e autor do livro-reportagem “Sangue da terra: a luta armada no campo”, publicado em 1980. Segundo o diretor, o filme foi feito o mais próximo possível do que estava previsto, principalmente os diálogos, inclusive, pelos poucos recursos para sua realização (PENNA, 2022).

Hermano trabalha, prioritariamente, com a filmagem de cenas externas/da paisagem local com a câmera na rua/nas áreas rurais/na floresta e tira proveito de situações que queria mostrar e aconteciam com frequência no cotidiano da região, como a derrubada de árvores por madeireiros, a chegada de inúmeros migrantes etc. Isso faz com que *Fronteira das almas* tenha “uma pegada mais urgente, quase documental, de denúncia de um sistema de poderes e interesses que ameaça a integridade dos povos da região e seus meios de subsistência” (COUTO, 2017, p.1).

Não é à toa que o diretor define *Fronteira das almas* como “uma ficção herdeira do Cinema Novo” (PENNA, 2022), que procura, por um lado, sensibilizar o público para a problemática dos conflitos no campo e, por outro, concretizar-se a partir de um modo viável de fazer cinema (com filmagens fora dos estúdios, luz natural e outros recursos). Poderia, nas palavras do crítico José Geraldo Couto (2017, p. 2), “ter sido filmado hoje, pois os problemas que” *Fronteira das almas* “aborda persistem, ainda mais agudos”.

Já o segundo filme, *Mamazônia, a última floresta*, é uma espécie de *road movie* amazônico documental, em que o casal de diretores, Brasília Mascarenhas e Celso Luccas, percorre de carro mais de 700 quilômetros da BR 364, rodovia que corta Rondônia, de Vilhena, município no Sul do estado na divisa com Mato Grosso, até a capital, Porto Velho, mostrando, de forma crítica, o processo de colonização totalmente desordenado no estado.

Trata-se de um documentário manifesto em defesa da Amazônia, feito com poucos recursos. Para se ter uma ideia do contexto de produção, Celso Luccas explica que *Mamazônia* foi filmado em 16mm com filmes vencidos a partir de doações que receberam e uma pequena equipe de realização formada por ele e Brasília, além do operador de som Chiquinho Pereira (LUCCAS, 2021).

O casal de diretores trabalha no documentário, basicamente, com dois principais procedimentos estilísticos: o comentário em voz *over* com imagens observativas e a realização de entrevistas. Em relação ao comentário, é importante destacar que vozes – sendo quatro femininas e duas masculinas⁴ – alternam-se, em uma perspectiva didática, para contextualizar ao espectador toda a problemática dos conflitos ambientais na região decorrentes dos projetos de colonização.

Além disso, em alguns momentos da narrativa, o texto do comentário em voz *over* apresenta um tom crítico sobre as obras desenvolvimentistas realizadas na região, como a construção de usinas hidrelétricas. Um dos entrevistados, Waldir Camata, político do município de Ji-Paraná, questiona-se: “Então, a quem a usina de Samuel vai servir?”. Logo em seguida, o comentário em *over* complementa: “Vai servir às grandes construtoras que, junto com políticos e tecnocratas, formam um lucrativo clube de amigos cujo plano é afogar a Amazônia com mais de 70 hidrelétricas”.

Em outros momentos, o comentário apresenta também um caráter reflexivo, por exemplo, quando é dito em *over*: “Mais improvisada que as condições de trabalho de nossa equipe, só mesmo as condições de mergulho do ex-sem-terra que (...) passa o maior sufoco com o mais precário dos equipamentos e pesados turnos de trabalho de até 12 horas embaixo da água”. O comentário revela, ainda, certa ironia quando é afirmado:

⁴ Segundo os créditos do documentário, as várias vozes do comentário em *over* são de: Brasília Mascarenhas, Celso Luccas, Ítala Nandi, Paula Moraes, Tainá Luccas e Zé Celso.

“Como não somos do Globo Repórter e essa não é a Amazônia do Jacques Cousteau, nós não vamos mergulhar para filmar o corajoso o garimpeiro. Boa sorte!”.

Além do comentário em voz *over*, os diretores, Brasília e Celso, entrevistaram um número significativo de personagens cujas falas estão presentes no documentário. Colonos, garimpeiros, lideranças indígenas, migrantes, missionários, políticos e ribeirinhos são alguns dos entrevistados, no trajeto de Vilhena até Porto Velho, e que constroem uma espécie de mosaico dos diferentes pontos de vista dos personagens envolvidos nos conflitos ambientais.

Entretanto, ainda que esses depoimentos estejam na narrativa de *Mamazônia*, é, sem dúvida, o comentário em voz *over* que conduz a perspectiva de defesa da Amazônia e, inclusive, não deixa de problematizar as falas de alguns dos entrevistados, como ocorre, por exemplo, com os garimpeiros que afirmam que o principal problema da garimpagem é a malária, fala criticada pelo comentário que a contradiz destacando que é o mercúrio o grande problema do garimpo, e os garimpeiros vítimas do processo de colonização desordenado.

Ainda em relação ao filme *Mamazônia, a última floresta*, é importante destacar que o documentário tem uma trilha sonora formada por trechos de 43 músicas, conforme indicado nos créditos. Para citar algumas, são músicas de Caetano Veloso, Gilberto Gil, do Grupo Aymara, João Gilberto, Laurie Anderson, da Legião Urbana, Naná Vasconcelos, Paul McCartney, Rita Lee, dos Titãs, Xangai, além de músicas indígenas, dentre outras. Essas músicas, por meio da montagem, tem um papel importante na construção do efeito de sentido crítico do documentário, sendo uma espécie de pequenos clipes no decorrer da narrativa do filme.

Cita-se, por exemplo, um trecho filmado na periferia de Porto Velho com a música “Nos barracos da cidade”, de Gilberto Gil. Isso acarretou um problema de direitos autorais, fazendo com que o filme só tenha sido exibido em sessões com a presença do casal de diretores. Celso Luccas (2021, p. 157) comenta que: “a gente usou algumas músicas já sabendo que só iríamos poder mostrar o filme no circuito paralelo, projetando nós mesmos, em esquemas alternativos fora do circuito comercial”. O diretor finaliza: “E foi o que fizemos: saímos mostrando o trabalho pela Amazônia, universidades, escolas, periferias, mostras. Cinema militante em defesa da Amazônia, isso aí!”.

A última obra, o documentário *Rondônia, viagem à terra prometida*, dirigida por Sílvio Tendler, é um episódio que foi originalmente produzido e exibido pela extinta TV Manchete no âmbito da série “Os caminhos da sobrevivência”, dirigida pelo jornalista Washington Novaes, um dos precursores na cobertura jornalística ambiental no Brasil. Essa série foi pioneira em apresentar no horário nobre da TV brasileira a temática ambiental, mostrando, por um lado, a diversidade e a riqueza dos biomas brasileiros e, por outro, a sua degradação. Teve o patrocínio da Companhia Vale do Rio do Doce, estatal, na época, ligada ao Ministério de Minas e Energia que foi privatizada em 1997.

Coube a Washington Novaes ficar responsável pela direção geral do programa que teve cinco episódios no total. Novaes dirigiu os dois primeiros episódios, dedicados ao Pantanal Matogrossense; Tendler, o terceiro, que teve como foco a ocupação de Rondônia; Eduardo Coutinho dirigiu o quarto sobre o Rio Tietê; e, por fim, José Antônio Menezes foi responsável pelo quinto dedicado aos agrotóxicos.

O documentário, com 52 minutos de duração, dedica-se a mostrar as dificuldades e desilusões dos migrantes, pessoas simples que foram para Rondônia, em sua maioria pequenos agricultores, a partir de uma estética televisiva. A obra é dividida em cinco blocos com duração, cada um, de cerca de dez minutos, assim denominados: 1º) As portas do paraíso; 2º) A guerra do homem contra a natureza; 3º) A fala dos pioneiros; 4º) A igreja contra o latifúndio e; 5º) A balada do sonho da terra. Destaca-se, ainda, a presença de uma vinheta presente em todas as passagens de bloco.

Sílvio Tendler explica que foi convidado por Washington Novaes para dirigir o episódio, tendo como mote a ideia de defesa do meio ambiente com foco no ser humano, considerando, em especial, o fluxo de migrantes – mais de 500 pessoas por dia que chegavam diariamente ao estado, atraídos pela propaganda oficial do governo militar para ocupar a região. Ele comenta que o filme teve uma perspectiva de trabalho colaborativa e sem pré-produção entre os integrantes da equipe que, literalmente, o construíram no decorrer da viagem de Cuiabá até Porto Velho pela BR 364 (TENDLER, 2020).

É o ritmo da edição televisiva que dá o tom da obra, marcada, predominantemente, por um comentário em over narrado por uma voz masculina, “profissionalmente treinada, cheia, suave em tom e timbre” (NICHOLS, 2016, p. 175), típico do modo expositivo da voz de Deus, em que o orador é ouvido, mas jamais visto, e lembrando um pouco a perspectiva do modelo sociológico, como cunhado por Jean Claude-Bernardet (2003), na

medida em que os entrevistados acabam aparecendo mais como tipos: o migrante, o colono; o latifundiário; o representante do órgão público; o pesquisador etc.

Acredito que este trabalho, ainda em uma perspectiva inicial, apresentou um panorama histórico sobre Rondônia no cinema brasileiro da década de oitenta, trazendo para reflexão um conjunto de filmes pouco comentado na bibliografia da área, além de discutir os conflitos ambientais na região em um período marcado por profundas transformações sociais jamais experienciadas no território rondoniense.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, J.; MARIE, M. **A análise do filme**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.
- BECKER, B. **As amazônias de Bertha K. Becker**: ensaios sobre geografia e sociedade na região amazônica. Volume 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- BERNARDET, J. C. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARVALHO, M. **Sangue da terra**: a luta armada no campo. São Paulo: Brasil Debates, 1980.
- COUTO, J. G. As chagas abertas da Amazônia. **6ª Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental**. 2017. Disponível em <https://mostraecofalante.wordpress.com/2017/05/22/as-chagas-abertas-da-amazonia/> Acesso em 22 abr. 2025.
- LUCCAS, C. Celso Luccas, um cineasta de três continentes: invenção, política e resistência. Entrevista concedida a Felipe Abramovitz e André De Paula Eduardo. **Insólita**, n. 1, jan-jun, 2021. Disponível em <https://revistas.intercom.org.br/index.php/insolita/article/view/4187/pdf> Acesso em 20 abr. 2025.
- NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Trad. Mônica Martins. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2016.
- PENNA, H. Mesa redonda O fazer cinematográfico dos filmes de ficção em Rondônia e na Amazônia. **Cineamazônia - Festival de Cinema Ambiental 18ª Edição**. 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dxq3N9FzNio> Acesso em 15 abr. 2025.
- PERDIGÃO, F.; BASSEGIO, L. **Migrantes amazônicos – Rondônia**: a trajetória da ilusão. São Paulo: Loyola: 1992.
- SOUTO, M. Constelações filmicas: um método comparatista no cinema. **Galáxia**, n. 45, set-dez, 2020.
- TENDLER, S. Papo de Cinema - Rondônia: viagem à terra prometida - Mostra Documentário. **Cineamazônia - Festival de Cinema Ambiental 17ª Edição**. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bsOnRNNC7Jg> Acesso em 10 abr. 2025.